Dia 6 — São Goar, Presbítero e Solitário

São Goar, a quem os alemães chamam Gower, foi de uma das mais nobres famílias da Aquitânia e nasceu pelos anos de 585. Proveu-o a natureza de suas mais requintadas prendas, e a graça, de seus mais preciosos dons. À natural amabilidade de sua pessoa acrescentavam muito realce a vivacidade de seu espírito e a suavidade de seu dulcíssimo gênio; mas o que sobretudo o fazia mais amável era uma virtude e uma prudência muito superior a seus anos. Nem os laços do mundo, nem os perigos da mocidade serviram para mais que acrescentar o mérito e a admiração de sua virtude. Cobrou horror ao vício desde que o conheceu; sua virtude favorita foi a pureza; sua modéstia e certo vergonhoso pudor, de que sempre estava coberto seu semblante, inspiravam respeito até aos mais dissolutos; em sua presença ninguém tinha valor para pronunciar palavra menos pura. Enfim, o exemplo e a circunspecção de seus primeiros anos eram presságio da eminente santidade a que com o tempo o havia de elevar a graça, de que já estava prevenido.

Na verdade, pôs o maior cuidado, quase desde o berço, em conservar sua inocência, fortificando-a com a frequência de sacramentos, com a oração e com penitências contínuas. Sendo menino, macerava sua carne com jejuns e com dilatadas vigílias: toda a ocupação de seu coração e de seu espírito era a meditação e o estudo das mais santas verdades da religião. O ardente desejo de agradar a Deus o preocupava inteiramente, sendo tanto mais admirada sua virtuosa vida quanto era menos frequente nas pessoas de sua classe e de sua idade.

A princípio teve que sofrer algumas zombarias de outros iguais seus, menos circunspectos e menos reservados que ele; mas com a constância e com o desprezo livrou-se desta perseguição e logrou tal domínio sobre todos os de sua idade que converteu a muitos, fazendo-os mudar inteiramente de vida.

Informado seu bispo de que Goar não queria contrair empenho algum no mundo, apressou-se em promovê-lo às ordens sagradas, parecendo-lhe que a um mesmo tempo honrava o estado eclesiástico e fazia a seu povo um importante serviço. Deu o sacerdócio novo realce à virtude de nosso santo, o qual por sua parte tampouco omitiu meio algum para sustentar com sua elevada virtude a augusta dignidade do sacerdócio. Não se viu sacerdote mais cheio de fé e de religião no altar, nem mais santo em toda a sua conduta; o que moveu o bispo a lançar mão de Goar para que o ajudasse nas sagradas funções da dignidade episcopal, confiando-lhe o ministério da pregação.

Ao ardente desejo que tinha da salvação de seus irmãos e aos grandes talentos com que o céu o havia enriquecido para ganhá-los a Deus seguiram-se imediatamente insignes conversões. Eram seus sermões enérgicos, cheios de moção; e, como se viam sustentados de seus exemplos, faziam tanta impressão nos corações que não era possível ouvi-los sem converter-se; pelo que seu

auditório se desfazia em lágrimas, e nem pecadores, nem hereges, nem gentios podiam resistir a seu zelo.

Mas estes mesmos felicíssimos sucessos deram matéria a seus escrúpulos e a seu temor. O tumulto inseparável das funções apostólicas e os aplausos que comumente as acompanham sobressaltaram sua profunda humildade e despertaram os desejos que sempre tinha tido de retirar-se a um deserto. Resolveu, pois, afastar-se de seus parentes quanto lhe fosse possível e buscar uma apartada solidão onde pudesse entregar-se a Deus unicamente.

Partiu, pois, no ano de 618 e retirou-se aos últimos confins do bispado de Tréveris, nas margens do Reno, perto de Oberwesel, onde, com licença do bispo, construiu uma cela e uma pequena capela para celebrar todos os dias o santo sacrifício da missa. Nesta solidão passou alguns anos dedicado a todos os exercícios da vida eremítica, jejuando continuamente, mantendo-se com o trabalho de suas mãos, cantando sem cessar os louvores de Deus e algumas vezes ocupando os dias inteiros na contemplação das verdades celestiais. Estando nisto, sentiu que se lhe tornava a excitar o desejo de trabalhar na salvação das almas; e, como nos povoados do contorno houvesse ainda muitos pagãos, pregou-lhes o Evangelho com tanto zelo e com tanto fruto que abraçou o cristianismo grande número deles.

Estendeu-se a fama de sua virtude, e concorreram muitos estrangeiros desejosos de conhecer e de tratar o santo anacoreta. Isto o pôs em ocasião de exercer repetidas vezes a hospitalidade, particularmente com os pobres; e, como seu zelo observou que esta caridade lhe proporcionava ocasiões de ganhar seus hóspedes para Deus, tomou tanto gosto a esta virtude que daí em diante foi em parte seu caráter; bem que nem por isso desconcertou um ponto o método e a ordem de vida que se havia prescrito para a distribuição do dia.

Depois de ter rezado todo o Saltério, celebrava o sacrifício da missa e, tendo cumprido todas as demais devoções, empregava o resto do dia em receber com amoroso agasalho os peregrinos que se apresentavam. Ele mesmo lhes guisava e lhes servia a comida, e enquanto estavam à mesa era quando fazia suas mais brilhantes conquistas. Divertia-os sempre com santas conversações, dava a cada um salutares conselhos segundo sua particular necessidade; depois lhes fazia rezar algumas orações com ele e não poucas vezes saía a despedi-los e ia acompanhá-los grande parte do caminho, com tanto amor e com tanta bondade que não o podiam esquecer em toda a sua vida. Quando chegavam a suas casas, não se cansavam de contar o que haviam visto, ouvido e admirado no amabilíssimo ermitão. Esta industriosa caridade deu ocasião a que lhe levantassem uma calúnia.

Dois familiares do palácio de Rústico, bispo de Tréveris, mal impressionados contra São Goar, partiram para sua solidão com pretexto de devoção, mas na realidade era para observá-lo e para surpreendê-lo. Notaram que aquele bom sacerdote punha grande cuidado em receber com sumo agasalho todos os forasteiros; que por si mesmo lhes guisava a comida; que dizia missa muito de manhã aos que queriam partir e que também comia com eles antes da hora costumada. Não precisaram de mais para desprezá-lo e desacreditá-lo. Voltados a Tréveris, disseram ao bispo que o presbítero Goar era um hipócrita: que se regalava muito bem e que estava muito distante de ser o que parecia, pois, longe de professar uma vida verdadeiramente eremítica, desedificava a todos

com suas profusões e com suas condescendências puramente políticas e seculares. Creu o bispo, não sem alguma facilidade, nos delatores e deu-lhes ordem de que lhe trouxessem o escandaloso solitário, com resolução de examiná-lo, de corrigi-lo e de castigá-lo.

Voltaram os dois familiares aonde estava o santo; e, para dissimular o verdadeiro motivo de tão pronta como inesperada repetição de visita, deram-lhe a entender que, informado o bispo de suas raras virtudes, tinha ansiosos desejos de vê-lo e que por isso lhe rogavam que se dignasse ir em sua companhia. A princípio escusou-se o santo por sua profunda humildade; mas, quando lhe declararam que traziam mandato expresso para levá-lo consigo, respondeu que obedeceria sem réplica. Efetivamente, no dia seguinte, ao romper da alva, disse-lhes missa e apresentou a seus hóspedes o desjejum com sua costumada bondade. Os familiares do bispo se puseram a tomá-lo com certo ar de desdém e menosprezo, dizendo-lhe que se admiravam muito de que um homem como ele pensasse em comer tão de manhã. «Irmãos meus (respondeu-lhes o santo), nem todos os dias são de jejum e de abstinência; eu o faço por caridade; mas, se vós quereis jejuar hoje por vossa mortificação, não leveis a mal que tome alguma coisa este outro pobre forasteiro, que também está para partir.» Os familiares, continuando em seu papel de grandes jejuadores, não quiseram tomar bocado e só suplicaram ao santo que lhes lançasse na alforja alguma coisa para tomar algo no caminho; o que fez de muito boa vontade, e marchou logo com eles. Apurados da fome e da sede os dois caminhantes, acudiram a sua provisão; mas ficaram surpreendidos quando, por permissão de Deus, nada acharam do que eles mesmos haviam metido, e, à vista daquele castigo, reconheceram sua culpa.

Vendo-os o santo arrependidos e envergonhados, conseguiu de Deus, por outro novo milagre, que lhes desse com que socorrer sua necessidade; e eles, não podendo resistir a tão repetidos prodígios, arrojaram-se aos pés do santo, confessaram-lhe seu depravado intento e humildemente lhe pediram perdão de sua maldade. Não lhes foi difícil consegui-lo; mais dificuldade custou desimpressionar o bispo das espécies em que o haviam metido contra o santo solitário. Por mais que seus dois familiares lhe referissem as duas maravilhas de que eles mesmos haviam sido testemunhas, não bastou para desenganá-lo; quis provas mais autênticas de sua santidade e assim lhe mandou que alcançasse de Deus com sua oração que um menino de dois anos, a quem acabavam de expor, declarasse quem era seu pai. Por mais súplicas, rogos e lágrimas que derramou nosso solitário para que o bispo o dispensasse de semelhante oração, foi-lhe forçoso obedecer, e sua oração foi ouvida. Convencido o prelado da santidade do servo de Deus, arrojou-se a seus pés; e, cheio de estima e de respeito a sua pessoa, encomendou-se a suas orações.

Estendida por todas as partes a fama desta maravilha, chegou aos ouvidos do rei Sigeberto II, que fez chamar o santo para ouvir de sua mesma boca a relação do sucesso. Viu-se obrigado nosso solitário a passar à corte e mostrou nela tanta discrição e tanta capacidade, acompanhada de tão singular modéstia, que o rei lhe cobrou particular afeto e estima, resolvendo-se desde então a tirar de debaixo do alqueire aquela tocha resplandecente e a colocar nas primeiras dignidades da Igreja um sujeito tão benemérito.

Logo que nosso santo chegou a entender o ânimo do rei, não poupou diligência alguma para apartá-lo daquele intento. Valeu-se de representações, de rogos, de súplicas, de lágrimas; mas tudo foi em vão, porque, assim o rei como os prelados, atendiam mais ao bem comum que a sua

humilde repugnância. Já iam sagrá-lo quando, lançando-se aos pés do rei, disse-lhe: «Senhor, não me negueis ao menos o consolo de retirar-me por alguns dias a minha cela para consultar a vontade de Deus; e, uma vez que a entenda, executarei quanto for do agrado de Vossa Majestade.» Moveram o monarca as lágrimas do santo; concedeu-lhe vinte dias de prazo; mas mandou-lhe que, passado este, voltasse sem falta a Metz. Encerrado Goar em sua ermida, empregou todo aquele tempo em orações, em gemidos, em amargo pranto, solicitando incessantemente do Senhor que embaraçasse os intentos do príncipe. Ouviu-o Sua Majestade divina, porque, ao acabar-se o prazo dos vinte dias, caiu o rei numa enfermidade que lhe durou muitos anos; e sempre que recebia alguma nova ordem de passar à corte, imediatamente lhe repetia a mesma escusa.

Durante o tempo desta dilatada enfermidade, dobrou sua devoção e seu fervor. Não é fácil dizer quanto aproveitaram ao público os grandes exemplos que deu de todas as virtudes, singularmente de uma heroica paciência; mas o piedoso rei Sigeberto, impaciente sempre por vê-lo colocado na cadeira episcopal de Tréveris, enviou-lhe ordem para que passasse à corte; mas o santo, a quem já havia voltado a febre, disse ao que lhe levava a real ordem que bem podia voltar, pois ele já não sairia de sua cela senão para a sepultura. O sucesso verificou logo a profecia, pois, antes que o enviado ou os enviados chegassem à corte, recebeu-se nela a notícia de sua morte, a qual foi como a dos justos, expirando nas mãos de dois eclesiásticos que nunca se apartaram dele; e sucedeu no dia 6 de julho do ano 649, aos sessenta e quatro de sua idade.

Martirológio Romano

Na Judeia, o profeta Isaías, que no tempo de Manassés foi serrado e enterrado debaixo de uma azinheira chamada Rogel, junto a uma torrente.

Em Roma, a festa de São Tranquilino, mártir, pai de São Marcos e de São Marceliano, que, convertido à fé de Jesus Cristo pela pregação de São Sebastião, mártir, e batizado pelo presbítero São Policarpo, foi ordenado sacerdote pelo papa São Caio. Estando fazendo oração diante da Confissão de São Paulo, no dia da oitava dos Apóstolos, no tempo do imperador Diocleciano, foi apanhado e apedrejado pelos pagãos até morrer mártir.

Em Fiésole, na Toscana, São Rômulo, bispo e mártir, discípulo do apóstolo São Pedro, que, tendo recebido do mesmo a missão de pregar o Evangelho, foi de volta a Fiésole coroado com o martírio, acompanhado de outros mártires, depois de ter dado a conhecer Jesus Cristo em muitos lugares da Itália, no tempo do imperador Domiciano.

Na Campânia, Santa Domínica, virgem e mártir, que, tendo quebrado alguns ídolos sob o imperador Diocleciano, foi condenada às feras; mas, como não recebeu mal algum, perdeu a vida do corpo, sendo degolada, e entregou o espírito a Deus. Conserva-se seu corpo com a maior veneração em Tropea, na Calábria.

No mesmo dia, Santa Lúcia, mártir, natural da Campânia, a qual foi presa e cruelmente atormentada pelo presidente Ríxio Varo, a quem por último converteu a Jesus Cristo. Teve por companheiros no combate e na coroa a Antonino, Severino, Diodoro, Díon e a outros dezessete.

Na região de Tréveris, São Goar, presbítero e confessor.

Na Borgonha, São Gerreso.

Em Menon, perto de Faverney, no Franco-Condado, o martírio de São Bertier, presbítero, e de São Ataleno, diácono.

Em Citópolis, São Basílio e companheiros, em número de setenta mártires.

Em Duras, Santo Asto, bispo, martirizado a chicotadas com chumbadas.

No mesmo dia, São Hilarião, o moço, superior de um mosteiro de dálmatas.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Adesto, Domine, supplicationibus nostris, quas in beati Goardi confessoris tui solemnitate deferimus: ut qui nostræ justitiæ fiduciam non habemus, ejus qui tibi placuit precibus adjuvemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ouvi, Senhor, favoravelmente as súplicas que vos fazemos na solenidade de vosso confessor, o bem-aventurado Goar, para que, não confiando em nossa justiça, sejamos favorecidos pelos merecimentos daquele que teve a ventura de agradar-vos. Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro da Sabedoria (do Eclesiástico), e a mesma do dia 5, pág. 135.

Eclesiástico 31,8-11

>

> **Latim:** [8] Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. [9] Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. [10] Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. [11] Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: [8] Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. [9] Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. [10] Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: [11] Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

«Muitas vezes se tem falado já do livro do Eclesiástico, de onde se tirou esta epístola. O capítulo 31 pinta as fadigas dos avarentos; os cuidados com que se carregam por amontoar riquezas lhes ressecam as carnes; a aplicação que a isso dedicam lhes tira o sono; e consideram-se os ricos inocentes como uma espécie de prodígio. É muito moral e muito instrutivo este capítulo.»

Reflexões

Bem-aventurado aquele que não corre atrás do ouro. Seguramente se livra de mil ânsias, de mil cuidados, de mil desvelos, de mil inquietações e de mil pesares. Quando se há de acabar de conhecer a insubsistência, a vaidade, a ilusão dessa sombra, dessa fantasma que se chama fortuna, atrás da qual se corre até consumir-se e exalar-se? Se ao menos se quisesse fazer alguma reflexão sobre aqueles afãs, sobre aqueles amargos e cruéis sobressaltos, que são em rigor a única renda, o único fruto que produzem os imensos gastos que se fazem nesse comércio!

Quer-se fazer fortuna, espera-se igual ventura à que lograram outros que não começaram com maior cabedal. Domina a ambição; persuade-se o ambicioso de que lhe sobram o gênio e o talento; tudo se lhe representa fácil ao arrojado. É o comércio um mar tempestuoso, está semeado de escolhos, tornaram-no famoso os naufrágios; não importa; nem por isso se teme embarcar nele; faz-se a conta de que, quando os ventos soprarem contrários, navegar-se-á a força de remos e de que, apesar dos piratas e outros mil perigos, arribar-se-á ditosamente ao porto.

Não é preciso especificar aqui por miúdo todas as fadigas. Um negociante deixa estampado seu retrato em qualquer parte onde esteja. O ar alheado, inquieto e taciturno, o semblante sombrio e

solitário, os olhos sempre acesos, todos os modos tão embaraçados que tacitamente estão despedindo a quantos não tratem de empréstimo, de câmbio e de interesse. À vista disto, com muita razão se pode perguntar se há no mundo estado mais penoso nem mais austero, e até se pode acrescentar se o há mais trabalhoso nem mais ingrato.

Não lhes basta o dia para suas fatigosas ocupações; negam-se a si mesmos o descanso que não negam a seus escravos. A noite disputa ao dia os afãs; quietude, sono e comida, tudo se interrompe pelo negócio; pagas, comissões, letras, livros de caixa, tudo os tem numa escravidão, numa servidão que mal lhes deixa tempo para lembrar-se de que são cristãos. Seriam menos duras estas penalidades se ao menos por alguns momentos se pudessem separar de seu coração as inquietações; mas em mar tão borrascoso, que dia amanhece sereno? Que hora se pode esperar de calmaria? Nem já são o que mais se teme as tempestades e os naufrágios; maiores e mais justos sobressaltos causam as mãos de outros homens. Veem-se quase sempre obrigados a confiar toda a sua fazenda, e até a alheia, à boa-fé de um desconhecido, num tempo em que reina em todas as partes a cobiça e em que é tão rara a verdadeira honradez. Confessemos que as riquezas são um fundo inesgotável de inquietação e de amargura. Oh, mil vezes bem-aventurado aquele que não corre atrás do ouro!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Lucas.

Lucas 13,1-5

> **Latim:** 1 Aderant autem quidam ipso in tempore, nuntiantes illi de Galilæis, quorum sanguinem Pilatus miscuit cum sacrificiis eorum. 2 Et respondens dixit illis : Putatis quod hi Galilæi præ omnibus Galilæis peccatores fuerint, quia talia passi sunt ? 3 Non, dico vobis : sed nisi pœnitentiam habueritis, omnes similiter peribitis. 4 Sicut illi decem et octo, supra quos cecidit turris in Siloë, et occidit eos : putatis quia et ipsi debitores fuerint præter omnes homines habitantes in Jerusalem ? 5 Non, dico vobis : sed si pœnitentiam non egeritis, omnes similiter peribitis.

Português: 1 ORA neste mesmo tempo estavão alli huns, que lhe davão notícia de certos Galiléos, cujo sangue misturará Pilatos com o dos sacrificios d'elles. 2 E Jesus respondendo lhes disse: Vos cuidais que aquelles Galiléos erão maiores peccadores que todos os outros da Galiléa, por haverem padecido tão cruel morte? 3 Não erão, eu vo-lo declaro: mas se vós-outros não fizerdes penitência, todos assim mesmo haveis de acabar. 4 Assim como tambem no tocante áquelles dezoito homens, sobre os quaes cahio a torre de Siloé, e os matou: cuidais vós que elles tambem forão mais devedores, que todas as pessoas moradoras em Jerusalem? 5 Não, eu vo-lo declaro: mas se vós-

outros não fizerdes penitência, todos acabareis da mesma sorte.

Meditação

Da indispensável necessidade de fazer penitência

Primeiro ponto

Considera a energia, a precisão e a universalidade deste oráculo: *se não fizerdes penitência, todos perecereis.* Necessidade, por dizê-lo assim, tão indispensável como a da fé, a do batismo e a da graça final para salvar-se. Fala-se a respeito dos adultos. Não há idade, não há condição, não há estado que se isente dela. A proposição é geral, e também o é a necessidade. Ou és pecador, ou és inocente. Se pecador, como te atreverás a prometer-te o perdão sem a penitência? Se inocente e ainda não pecaste, podes pecar; e isto basta para que a penitência preventiva te seja indispensável. Ah, que a inocência é um tesouro guardado em vasos frágeis, sumamente quebradiços: não há coisa mais preciosa que este tesouro, mas tampouco a há mais frágil que estes vasos, contra os quais parece que tudo vai tropeçar. Ó meu Deus, e quantos inimigos temos sempre alerta e emboscados sempre! Na vida tudo são perigos, tudo laços, tudo escolhos. Dentro de nós mesmos levamos o inimigo de nossa salvação, sempre de inteligência com os sentidos, sempre dócil à impressão dos objetos exteriores, sempre de acordo com o amor-próprio. No mesmo sangue contraímos a inclinação ao mau.

Tudo é tentação, e a vida do homem é uma contínua guerra que só se acaba com a morte. O que não quer ser vencido não pode largar as armas da mão; e, se não se vela sem cessar contra um inimigo que jamais adormece, é preciso que nos surpreenda. O ar que respiramos é contagioso; são poucos os objetos que não despedem de si alguns hálitos malignos; não pode estar seguro o que se expõe a eles sem preservativos e sem precauções. Esses preservativos, sem os quais corre perigo a vida; essas armas, sem cuja defesa seguramente nos ferirá o inimigo; essa vigilância, esses esforços, essa violência, de que ninguém deve considerar-se dispensado, são a penitência; é preciso vigiar e orar sem cessar; é preciso mortificar o corpo, reprimir os sentidos, domar as paixões, todas a qual mais rebeldes. Que te parece? Conserva-se por longo tempo a inocência sem o auxílio da penitência? E, se se pecou, poder-se-á escusar este socorro? O incompreensível rigor das penas do inferno e sua eterna duração ainda não são suplício excessivo para castigar um só pecado mortal; e uma alma manchada com milhares de milhares de gravíssimas e feíssimas culpas presumirá conseguir o perdão sem fazer penitência? Que loucura! Conta-se com os méritos de nosso Senhor Jesus Cristo: e com razão, porque sem estes méritos que poderíamos nós esperar? Mas esse mesmo Salvador, esse Pai das misericórdias nos declara expressamente que, com toda a sua misericórdia, se não fizermos penitência, todos pereceremos infalivelmente. Compreendeste bem a força e o sentido deste oráculo?

Segundo ponto

Considera que a condição fala com todos os estados. *Se não fizerdes penitência, todos perecereis.* A generalidade é sem exceção. Grandes do mundo, criados no seio da delicadeza e do esplendor, diante de quem todos se dobram, todos se ajoelham, todos se prostram, e que ignorais até as palavras de mortificação: se não fizerdes penitência, todos perecereis. Poderosos do século, vós que viveis no meio da abundância, rodeados da magnificência, submersos em gostos, nadando em diversões; vós, a quem todos lisonjeiam, todos aplaudem, a quem tudo se mostra risonho, passando os dias na ociosidade, na alegria e no regalo: se não fizerdes penitência, todos perecereis; todos, sem que se tenha respeito nem à grandeza de vosso nome, nem ao esplendor de vosso nascimento, nem à delicadeza de vossa compleição. Damas do mundo, a quem estremece, a quem causa horror o só nome de penitência, vós que consumis todos os dias da vida em eternas inutilidades, em jogos, em cortejos, em passatempos, em espetáculos; vós que, à custa de infinitos afãs, procurais conservar a formosura, o brilho, o frescor e a viveza da cor; vós que promovestes a sensualidade até o mais refinado da delicadeza: se não fizerdes penitência, todas perecereis, todas sem exceção. Homens de negócios, comerciantes, pobres oficiais, a quem ocupa toda a vida a cobiça, o amor ao interesse e a ânsia de fazer fortuna: se não fizerdes penitência, todos perecereis; até os mais infelizes mendigos, até os que vivem como abismados no profundo da miséria, se se hão de salvar, hão de fazer penitência. Argumente-se, sutilize-se, interprete-se quanto se quiser: é um oráculo que não se pode eludir, é um decreto claro e preciso que de todos se deixa entender. Vós, sejais o que quiserdes, se não fizerdes penitência, e uma penitência proporcionada a vossas culpas, a vossas necessidades, e uma penitência sincera e constante, todos perecereis. Por mais que te queiras atordoar, por mais que te queiras aturdir, por mais que te ponhas de unhas contra esta moral, não há coisa mais certa nem mais infalível que este oráculo: *os céus e a terra passarão, mas as palavras de Jesus Cristo permanecerão imutáveis.*

Fazei, Senhor, que também permaneça imutável a impressão que estas vossas divinas palavras fizeram em meu coração e em meu espírito. Conheço a indispensável necessidade que tenho de fazer penitência e que esta necessidade é maior em mim que em outro algum. Ah, Senhor, que passei sem fazê-la a maior parte de minha vida! Recebei, Pai das misericórdias, a que resolvo fazer o resto dela, com o favor de vossa divina graça.

Jaculatórias

> *Lavabo per singulas noctes lectum meum: lacrymis meis stratum meum rigabo.* Sl 6.

Regarei, Senhor, o leito com minhas lágrimas e passarei as noites em contínuo pranto.

> *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine animæ meæ.* Is 38.

Vou, Senhor, resgatar os anos perdidos, reparando-os com a penitência e com a amargura de meu coração.

Propósitos

1. Espanta o só nome de penitência. Jejuns, abstinências, cilícios, sacos, disciplinas, maceração da carne, indústrias engenhosas de mortificação, tudo assusta, tudo sobressalta nossa delicadeza. Mas dispensar-nos-á esta da obrigação de fazer penitência? Coisa estranha! Peca-se, vive-se divertidamente, delicadamente, regaladamente, e morre-se sem ter feito nenhuma penitência. Pois qual há de ser nossa sorte? Ou havemos de ser eternamente condenados, ou vai por terra a palavra de Jesus Cristo. Rompe, se podes, nossa impenitente vida com esta infalível predição: *Se não fizerdes penitência, todos perecereis.* Não te enganes miseravelmente: de qualquer idade, de qualquer estado, de qualquer condição que sejas, tem por certo que infalivelmente te condenarás se não fizeres penitência; e começa-a a fazer sem dilatar um só dia, se não queres ser condenado. Dá princípio por uma viva e sincera dor de tuas culpas, que é a penitência do coração; mas não basta isso de ordinário; essa contrição, essa dor, esse arrependimento e essa penitência de coração acompanha-os com a mortificação do corpo, dos sentidos e da delicadeza. As penitências, por dizê-lo assim, de obrigação hão de preceder a todas as demais; jejuns da Igreja, que são penitências de preceito, quaresmas, quatro-têmporas e dias de abstinência: nisto nunca te hás de dispensar. Mas incomodam-te um pouco estes preceitos? Melhor: isso é o que pretende a Igreja; por isso se impõem os jejuns e as abstinências, para incomodar a sensualidade e o amor-próprio; não pretende a Igreja matar-te, mas mortificar-te. Se não sentisses algum trabalho, não seria penitência. Mas serão legítimas todas essas dispensações? Muitas delas não serão subrepcícias? Ó meu Deus, e que de achaques aparentes, que de relações abultadas se nos hão de representar na hora da morte!

2. Não te contentes com as penitências de obrigação; acrescenta a elas algumas voluntárias. Boa penitência é sofrer sem dizer palavra, levar com paciência o mau humor daqueles com quem vives e com quem tratas, suas contradições, suas injúrias e seus desprezos. Os instrumentos de mortificação para macerar a carne não se fizeram somente para os claustros religiosos; também são muito convenientes aos seculares; razão é que, onde há mais pecados, haja também mais penitência. Se o consultas com teu amor-próprio, não haverá penitência que não te faça dano; consulta o ponto com tuas enormes culpas e acharás que, por mais penitências que faças, por austera e por mortificada que seja tua vida, sempre ficarás devedor à divina Justiça. A penitência deve ser uma virtude ordinária a todos os cristãos; não passe dia sem que faças alguma; mortifica teus sentidos, teus olhos, tua língua, teu apetite, teu gosto e tuas paixões; faze algum sacrifício cada dia, lembrando-te sempre de que irremissivelmente perecerás se não fizeres penitência. *O reino dos céus padece violência, e somente o arrebatam os que se fazem violência.*

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:59 by Admin

Updated 20 November 2026 20:49:59 by Admin